

PAULO MENDES CAMPOS

# De um caderno cinzento

*Crônicas, aforismos e outras epifanias*

*Organização, apresentação e notas*  
Elvia Bezerra



Copyright © 2015 by Joan A. Mendes Campos

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A citação original de *Rei Lear* foi retirada de  
*William Shakespeare — Teatro completo*, da Editora  
Nova Aguilar, com tradução de Barbara Heliodora.

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Foto do autor*

Arquivo © Estadão Conteúdo

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Marise Leal

*Apoio de pesquisa*

Instituto Moreira Salles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Campos, Paulo Mendes, 1922-1991.

De um caderno cinzento / Paulo Mendes Campos ; organização,  
apresentação e notas Elvia Bezerra. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2578-4

1. Crônicas brasileiras I. Bezerra, Elvia. II. Título.

---

15-03825

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

*Apresentação — O laboratório do cronista — Elvia Bezerra, 7*

De um caderno cinzento, 19

De um caderno, 129

Miscelânea, 197

# 1

“Como não é possível, infelizmente, ver o futuro, não sabemos até que ponto — no mais profundo sentido — pertencemos ainda à Idade Média.” (Jung)

Escritor é aquele que aprende a todo momento de qualquer pessoa.

“Joguei o verso nobre aos cães negros da prosa.” (Victor Hugo)

O estranho, o imprevisível, é o próprio homem: que não é bom, está sozinho e espera.

Se A acredita em Deus, se B não acredita em Deus, se C não sabe se Deus existe, isso nada é para mim. A existência de Deus e a não existência de Deus estão fora do meu alcance; apenas

emocionalmente, intuitivamente, irracionalmente, afetivamente, humanamente, posso adivinhar a esperança de Deus, do mesmo modo que emocionalmente, intuitivamente etc., posso, em contrapartida, adivinhar o desespero da ausência de Deus ou a orfandade cósmica ou o ser-em-nada. E a isso chamo esperança-desespero ou condição humana.

Do alpendre nº 1 vejo a vaidade; do alpendre nº 2, o orgulho; do nº 3, a vida depois da minha morte; do alpendre N vejo os séculos; do alpendre Y vejo a finitude do sistema solar... (O show só funciona na lucidez de certas madrugadas.)

Tenho uma única superstição e chega: viver dá azar.

Brasil Brésil Brazil Brasul Brasol Brasal Braçal Bachsil Barsil Abrasil Brasalho Braúsa Brothsil Brasell Cabrasil Pobresil.

Aos 74 anos morre Morandi. Nunca desejou ir a Paris; achava que vender seus quadros por mais de duzentos dólares era furto. Seu amor: o entretom surdo; seu mundo: a copa e a cozinha à luz dos crepúsculos; sua arte: conseguiu pintar o silêncio.

De um poeta japonês: “Meu amor é como a relva oculta no recesso da montanha: embora se alastre, ninguém o sabe”.

Heine teve duas paixões na vida: as mulheres bonitas e a Revolução Francesa. Stendhal dizia ao fim da vida que só lhe restavam dois prazeres constantes: Saint-Simon e espinafre.

Os anjos, bons e maus, não são invisíveis; nossa vista é que é fraca.

O casamento é uma lenta intervenção cirúrgica que tem o poder de separar duas criaturas cruel e desesperadamente agarreadas uma à outra.

Não sabemos nada de nada. Mas preste atenção: nem mesmo chegamos a saber que não sabemos nada de nada.

Todas as mulheres, fiéis ou não, aguardam em febre a volta de Ulisses.

Todos os homens percebem o todo: o artista percebe também, ou de preferência, os detalhes.

— Se a gente aos quarenta anos ficasse maduro de todo...

— Sim...

— Seria a plenitude, nem dor, nem prazer, a plenitude espiritual ou mental, como você quiser.

— E não é?

— Quase. Infelizmente, pelo menos no meu caso e no da

maioria, há certas partes para sempre verdes e outras irremissivelmente passadas.

Estou pagando imposto de renda como um milionário, isto é, muito pouco.

Tinha dezessete ou dezoito anos quando o trem de Minas parou numa noite chuvosa na estação de Nova Iguaçu, e fiquei a ouvir um saxofone tocando um choro num clube popular ali perto, e, com uma súbita profundidade absurda, estúpida, adivinhei, esmagado, o resto de minha vida.

*Manchete*, 31/10/1964

## 2

Ele me disse que não era egoísta: “Gosto muito de minha mulher, mas também gosto muito das mulheres dos outros”.

Teu movimento é a tua saúde. Se a flecha não parte, és tu que ficas. É indispensável que a flecha esteja a caminho do alvo que, bem ou mal, miraste. Tua mente se deteriora se não te comprometes com o futuro. O resto é supérfluo. O passado é só a certeza de que existe no futuro uma outra janela, uma outra pessoa, melhor ou pior, outro tipo de dor ou tédio. O presente é pura tensão, a vizinhança da ansiedade, caso a flecha não parta. Se afrouxares a corda do presente, adoecerás de ti mesmo. Portanto, faze projetos. Planeja a viagem; muda de casa; marca hora no dentista.

O mainá apareceu morto na gaiola. Foi na manhã de domingo. A mãe foi a primeira a ver, depois o pai, depois ele, o menino.

Olharam e foram sentar-se em torno da mesa da cozinha, meio sonolentos, em silêncio, partindo o pão, servindo-se de leite e café. A mãe disse para o menino que fosse enterrar o mainá. Vou jogar ele na lixeira, disse o menino. Não senhor, você vai enterrá-lo. Tá bem. Vou enterrar onde enterrei o corrupião, lá atrás, perto da pedreira. O corrupião enterrei com a casinha dele. Ah, foi? Foi. O mainá era preto e amarelo e tinha vindo da Índia. Eles continuavam a comer pão, a tomar leite e café, em silêncio, fingindo que é a coisa mais natural do mundo a morte dum passarinho, um passarinho de menino, um mainá que veio da Índia e amanheceu morto na gaiola num domingo de manhã.

As raízes da neurose são domínio da antropologia: nossa fadiga e nosso medo mentais estão encravados no esforço que os antepassados primitivos fizeram a fim de compreender a realidade à luz exclusiva da inteligência. Sob esse aspecto, as tribos de cultura estacionária constituem grupos de homens que “recusaram” uma inteligência parcial do universo “em nome” duma animalidade religiosa, que é a saúde total. Reciprocamente: a civilização é a doença inevitável do homem.

Esse rápido e inelutável repuxão de alarme que faz o estrangeiro quando pressente que vamos colocar-lhe um problema de linguagem sobre o idioma dele.

Só os velhos parecem eternos.

O homem é o pior educador de todos os animais. A educação nunca serviu à vida emocional do adulto. Sempre se comete,

em maior ou menor escala, um de dois erros: sufoca-se o anjo da criança, liberando o demônio, ou sufoca-se o demônio, liberando um anjo inerme.

Quem passou pela ponte não atravessou o rio. Para certas naturezas violentas é insuportável a ideia de passar pela ponte.

O neurótico e o paraneurótico sabem que o mundo moderno tem mais profetas em cada esquina do que a velha Jerusalém. São cientistas, filósofos, políticos, poetas, todos eles sábios e sinistros. Profetizam que não vai acontecer nada.

Dona Dalva nega as leis do instinto, mas aceita todas as outras. Aceita todas as normas, todos os protocolos, conceitos, pre-conceitos, regras ortográficas, estatutos, disposições transitórias, bulas de remédio, mão e contramão, horários, regulamentos, praxes, portarias, ordens de serviço, etiquetas, hierarquias, avisos à população, apelos da Light para poupança de energia, recomendações de saúde pública, circulares, formulários, princípios morais, advertências do síndico, as formalidades todas do mundo civil e militar. Um ser irrepreensivelmente social. Logo, dona Dalva devia ser proibida. É um peso morto, uma galinha que se recusa a descer do poleiro. Ultimamente, no entanto, um cataclismo. Dona Dalva entrou para um curso noturno de espanhol. Pois nem dona Dalva suportou ficar neste mundo inteiramente morta.

*Manchete, 27/03/1965*

# 3

Passo o dia todo com uma sensação nova, nova pela consciência aguda que tenho dela: em algum lugar, por qualquer motivo, há uma situação que depende de mim, um estado de coisas que se modificaria com a minha presença e do qual eu receberia o reflexo capaz de me transformar. Em alguma parte, Copacabana, São João de Meriti, Recife, aqui perto, não sei onde, há uma ou várias pessoas que dependem de mim e eu delas. Nada podem fazer sozinhas; nada posso fazer sozinho. Não sei se é grave, pode ser apenas agradável ou frívolo o que fariámos — não sei e não importa. Sei apenas que me sinto a metade dum acontecimento.

Conheço perfeitamente o que pode esconder essa ansiedade, mas não me aquieto. Vejo com lucidez o símbolo dessa frustração, mas não me vale de nada. Não creio no pressentimento confuso, mas não me acalmo. Ando dum lado para outro, sento-me, levanto-me, vou à janela, acendo um cigarro, bebo sem sede um pouco d'água. Imagino o que devo fazer, o que gostaria de fazer, onde buscar a outra metade do que sou hoje, e não

consigo ver coisa nenhuma na tarde espantosamente clara. Resolvo então não fazer nada; mas é impossível não fazer nada. Decido sair. Mas para onde? Não importa. Saio. Encontro amigos e conhecidos. Sem dizer nada procuro saber se é com eles. Não é. Penso em ir à Floresta da Tijuca, a Petrópolis, a um clube que nunca frequentei, a vários outros lugares que me passam pela cabeça. Não vou: seria insensato. Passo contudo numa galeria de arte, onde se encontra uma linda mulher. Não, não é com ela. Olho com atenção as pessoas, espio para dentro das lojas, aceito com humildade o meu ataque de estupidez. Que que há? Não há nada. Há. Em algum lugar, há uma ação a cumprir. Em algum lugar, devo ser hoje o resto dum acontecimento. Não será num livro que se encontra o que me chama? Penso em centenas de livros: nada vejo. Não será dentro de mim? Viro e reviro-me: não cai nada de mim. Estou murcho, à espera de que o momento me colha na haste e faça do meu dia um destino.

Também eu poderia escrever a história de meu ideal: como ser derrotado na vida sem fazer força. Mas, mesmo para ser derrotado, tenho feito um pouco de força.

A vida (ou evolução) é uma sequência de vitórias absurdas. Do inorgânico ao orgânico; do unicelular às organizações pluricelulares; da vida marinha à vida terrestre; do animal terráqueo ao animal voador; do irracional ao racional; do selvagem ao social; do social ao civilizado; do civilizado de hoje a uma coisa da qual ignoramos o nome, e que se confunde decerto com a esperança da justiça, da paz e do amor.

Proponho que se estabeleça como teto da chatice matrimonial a senhora cinquentona que, às duas horas da tarde, cara amarrada, na esquina de Araújo Porto Alegre com Pedro Lessa, dizia para o marido: “Ontem você foi a um enterro; e hoje já morreu outro amigo seu?”.

Não, dizia-me Telêmaco, o amor, na minha idade, não. Falta-me resistência psíquica para viver em curto prazo todo o magma da natureza humana: o desejo de ser eterno, o desespero, o ciúme, o desvario, o ressentimento, o ódio, o sublime, a saudade, a paternidade (real ou frustrada), o lirismo, a ternura a um ponto deliquescente, a voragem enfim. Ao prazer, pois, madame.

Mazzini\* com seu slogan (Deus é o povo) é sem dúvida o combativo e sincero precursor de todos os pedecês\*\* do mundo.

Se só temos coisas reles para vender — raciocinava o pioneiro Patrick Geddes\*\*\* — temos de produzir personalidades reles para consumi-las.

*Manchete*, 24/04/1965

\* Giuseppe Mazzini (1805-72), político e revolucionário italiano que criou movimentos com o objetivo de libertar e unificar Estados europeus. Sob o lema “Deus é o povo”, organizou a sociedade Jovem Itália.

\*\* Referência ao Partido Democrata Cristão.

\*\*\* Patrick Geddes (1854-1932), biólogo e filósofo escocês.